

HELENA CHAGAS



de Brasília

Eleição presidencial Vida de adversário

• Luiz Inácio Lula da Silva acusou o golpe da recuperação de Fernando Henrique nas pesquisas e da investida do presidente em ações na área social, e tenta reagir. Ontem, falou até em déficit público, seguindo a cartilha dos marqueteiros. Na verdade, a enxurrada de medidas que o adversário vem anunciando nos últimos dias deu à campanha petista a exata noção de como é dura a vida de quem disputa com candidato à reeleição no cargo.

E levou os coordenadores da campanha de Lula a acelerar os preparativos para elaboração da agenda temática — que também vem sendo chamada de agenda social — do candidato das oposições.

Os petistas estão convencidos de que é impossível combater com as mesmas armas de FH. Governo na mão, quem tem é o presidente.

Diante disso, só restou ao PT assumir que ainda precisa encontrar alguma forma criativa e eficaz de se colocar diante dos seguidos anúncios de medidas que visam a gerar empregos, facilitar financiamentos para pequenos empresários e agricultores e incentivar obras de habitação.

— A situação não é simples para um candidato de oposição. Mas não podemos ficar correndo atrás das ações do Fernando Henrique, temos nossa linha estratégica — afirma o coordenador-geral da campanha de Lula, deputado Luiz Gushiken.

É Gushiken quem está organizando a agenda temática que o candidato deve cumprir até o início dos comícios e eventos mais quentes da campanha. São viagens que Lula fará para ter contato com movimentos sociais e setores que andam insatisfeitos com o Governo. Em cada encontro desses, que será detalhadamente preparado com antecedência, o candidato oposicionista anunciará suas propostas para solucionar os problemas do setor.

Vai funcionar mais ou menos como a estratégia adotada em relação à seca do Nordeste. Lula visitou locais afetados, mostrou as mazelas da população, criticou a falta de ação do Governo e acabou faturando. Ou, pelo menos, deu mais visibilidade a um tema que, ao que se sabe, contribuiu para a perda de alguns pontos de FH nas pesquisas.

O setor calçadista do Rio Grande do Sul, por exemplo, será um dos itens da agenda temática. Os pequenos agricultores sem financiamento de qualquer outra parte do país também serão visitados, assim como microempresários faliados etc.

Segundo Gushiken, o discurso sozinho não funciona. O desafio é preparar o candidato para que ele convença a população de que aquela visita específica vai se constituir num instrumento de ação de governo quando ele for Governo.

Tarefa que não é das mais simples, principalmente se comparada aos anúncios de medidas concretas, acompanhados de cifras e dados, que o presidente pode fazer.

Depois de alguns dias de imobilismo provocado pela necessidade de acertos internos no discurso da chapa Lula-Brizola e pela morte de um amigo, o candidato do PT ganhou as ruas ontem, na visita à Fábrica de Esperança no Rio, com nova roupagem de candidato.

Não se sabe se por causa dos conselhos de consultores e marqueteiros, Lula bateu com força na tecla do social. Protestou contra a importação de arroz e feijão, atacou o que chamou de fanfarronices dos governistas, chamou Fernando Henrique de presidente do desemprego e acusou o Governo de querer anunciar em três meses o que não fez em três anos. E ainda apontou o aumento do déficit público durante o mandato de FH.

Arroz com feijão dá votos. Sabe-se que déficit, uma abstração para a maior parte do eleitorado, não ganha eleição. Mas mostrar preocupação com o déficit é o conselho que alguns especialistas do ramo estariam repassando a Lula. Seria uma forma de assegurar ao eleitor da classe média — aquele desconfiado com o PT — que os petistas também trabalharão pelo equilíbrio das contas públicas, no rumo da estabilidade.

O candidato da chapa PT-PDT, que afinou a viola com Leonel Brizola, não abandonou o discurso das privatizações. Na avaliação do comando da campanha, ele tem rendido mais prós do que contras. Porém, deixou claro — como desejam os marqueteiros — que este não será o ponto central de seu programa.

— Não vamos fugir desse debate. Queremos tematizar a questão da Telebrás como um ponto importante e continuar questionando o preço mínimo da empresa, para que o Governo se explique. Mas a campanha não pode ficar restrita a um ponto — diz Gushiken.

Um outro filão que, pelo discurso de Lula e assessores, o PT pretende explorar nos próximos dias é o questionamento das coligações que sustentam a candidatura FH. Superados os piores problemas para formar sua aliança com o PDT e o PSB (Lula e Brizola inclusive estarão em Brasília hoje para a convenção do PSB), vai tentar faturar em cima das contradições do PMDB e do PTB. Terá campo fértil se os dois partidos continuarem dando vexame.

Nesse início de campanha, já ficou claro que a novidade desta eleição afetou tão profundamente a Lula quanto a FH. E, ao que parece, até agora ainda estão ambos tateando na cartilha da reeleição.